

DO ÊXODO RURAL À PERIFERIA: ALTERNATIVAS E REFLEXÕES DE UMA COMUNIDADE INSTALADA ÀS MARGENS DO RIO DO PEIXE



<https://doi.org/10.22533/at.ed.803122404119>

Data de aceite: 04/12/2024

Viviane Carneiro

Cesar Augustus Winck

RESUMO: Atualmente, o êxodo rural ainda determina expressividade advinda da degradação das pequenas propriedades, poucos incentivos do poder público e hostilidade cultural a quem permanece com raízes marcadas pelo trabalho no campo. Assim, esses grupos ainda no meio rural sentem-se mergulhados em angústias e incertezas, além de vistos pela ótica do “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato, distantes da qualidade de vida, educação, saúde, lazer, habitação e emprego. Diante dessa problemática, o objetivo deste trabalho foi analisar a influência do êxodo rural para o surgimento de uma comunidade de periferia instalada às margens do Rio do Peixe. Assim, efetuou-se análise documental por meio dos registros realizados no estudo “O Saneamento básico na saúde das famílias de um município do centro-oeste catarinense” desenvolvido pela própria pesquisadora no ano de 2013 na Universidade Federal de Santa Catarina. Ressalta-se que foram realizadas visitas a campo e nova coleta de dados por meio de questionários para posterior análise, o

que contribui para a resultante do estudo, ao que se refere à integração do homem do campo no âmbito urbano, e a falta de planejamento do poder público a fim de enfrentar tal fenômeno social e minimizar a crescente evolução da periferia no meio urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Migração, qualidade de vida, direitos humanos, sociedade.

INTRODUÇÃO

O êxodo rural não é um fenômeno social recente, e ao buscar na história da urbanização, verifica-se sua expressividade entre as décadas de 60 a 80. Ao longo dos anos, estudos demonstraram a queda deste fenômeno, mas o processo de degradação das pequenas propriedades continua em andamento e não distante do centro-oeste catarinense. Apesar dos discursos de políticas públicas, ainda se observa no cotidiano a marginalização do “jeca tatu”, fazendo com que o “pequeno agricultor” conviva com a hostilidade e se sinta atraído pela zona urbana em busca de direitos humanos: saúde, educação, habitação, emprego e qualidade de vida.

Diante disso, esta temática foi escolhida devido à afinidade da pesquisadora com a população-alvo e à necessidade de reabilitar temas esquecidos, com o objetivo de analisar a influência do êxodo rural no surgimento da comunidade do “Rosário”, periferia instalada às margens do Rio do Peixe, em um município do centro-oeste de Santa Catarina.

DEFINIÇÃO DO FENÔMENO: ÊXODO RURAL

A definição para o fenômeno do “êxodo rural” refere-se à saída de pessoas do campo para as cidades visando uma vida melhor. “Esta ‘vida melhor’ é entendida, na maioria das vezes, como oportunidades de trabalho remunerado; segurança familiar; busca de qualidade do ensino e serviços básicos” (DINIZ, 2011, p. 01). Malassis (1973, p. 104) refere que o aumento do êxodo rural provoca a “superurbanização” e transforma o desemprego rural em desemprego urbano com suas sequelas. Ramalho e Neto (2007, p. 345) complementam que “o aumento das migrações e o rápido adensamento populacional no meio urbano contribuíram para o aumento da pobreza, criminalidade, desemprego e congestionamento no acesso aos serviços públicos”.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, consistindo em análise documental associada a entrevistas compostas por perguntas abertas e fechadas na comunidade do “Rosário”, situada às margens do Rio do Peixe, em um município do centro-oeste de Santa Catarina. A comunidade já foi estudada no ano de 2013 pela pesquisadora em questão, no âmbito da obtenção do título de Especialista em Saúde da Família pela Universidade Federal de Santa Catarina. Diante da proximidade com o público-alvo do estudo, foram agendadas visitas domiciliares para o desenvolvimento da pesquisa com a participação de 09 moradores da comunidade, com o intuito de explorar novas óticas e correlacionar a influência do êxodo rural para a expansão da comunidade periférica do município.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o banco de dados das entrevistas realizadas em 2013 e o comparativo com as novas entrevistas realizadas nos meses de outubro e novembro de 2020, observou-se a presença de dez discursos, sendo a maioria de mulheres (7) e homens (2). Foi possível verificar divergências e confrontos relacionados ao grau de escolaridade dos entrevistados e à aceitação da marginalização dentro do contexto social em que viviam, desde o êxodo rural até a construção da comunidade do Rosário, às margens do Rio do Peixe. Os nomes atribuídos aos entrevistados são fictícios e os dados foram coletados em 2013 e pareados em 2020. Para a obtenção dos resultados, a pesquisa foi previamente explicada aos participantes.

Nome	Idade	Discurso
Joana	24 anos	2013: “A gente tem que puxar água do rio” (SIC)
		2020: “A Casan disse que aqui é irregular, mas arrumou água pra nós, fossa só tem numa casa...” (SIC)
Marcia	36 anos	2013: “Tomamos banho lá no rio do Peixe e as crianças tudo.” (SIC)
		2020: “Dá de tomar banho em casa, mais puxamos luz de um poste, então sempre cai a luz.” (SIC)
Fabricia	66 anos	2013: “Tava doente na roça, tive que vim pra cidade, e veio todo mundo junto.” (SIC)
		2020: “Eu agradeço por estar aqui, quando preciso de médico consigo, já tenho idade e preciso.” (SIC)
Mariana	63 anos	2013: “Aqui na cidade não tem emprego, lá na roça nós plantava de tudo.” (SIC)
		2020: “De tudo, as casas, só uma mulher conseguiu pra fazer faxina.” (SIC)
Vitória	26 anos	2013: “Nós não temos como ficar no mato por causa das crianças (e agora nasceu mais) e dos idosos...”
		2020: “Agora tá melhor. No início disseram que iam jogar nós da cidade embora pra embaixo da ponte.”
Celso	28 anos	2013: “A água dá muita dor de barriga nas crianças.” (SIC)
		2020: “No início ninguém queria nós, nem o prefeito, mas agora tá tudo bem, as crianças tudo saudáveis...”
Kemili	32 anos	2013: “Vem a agente de saúde as vezes visitar nós, acho que o pior é não ter banheiro e água.” (SIC)
		2020: “Às vezes vem a Assistente Social e traz um quilo de feijão e arroz pra nós, já ajuda...” (SIC)
Rafaela	33 anos	2013: “Sem luz, sem água, fomos tudo enganados acreditando que na cidade ia melhorar.” (SIC)
		2020: “Farta comida às vezes, mas nós ganhamos um pouquinho de cada e temos o bolsa família agora...”
Pedro	32 anos	2013: “Aqui a gente só consegue serviço por dia, às vezes falta as coisas.” (SIC)
		2020: “Trabalho só por dia nos mato. Falam que somos vagabundos, mas a gente corre atrás e não tem serviço.”

Quadro 1: Discurso dos entrevistados em 2013 e 2020.

Fonte: Os autores, 2020. SIC (Segundo informações coletadas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a precariedade na estrutura político-governamental em acolher as pessoas do campo nas cidades possibilita a formação de novas periferias. Nos discursos analisados, evidenciou-se a necessidade de políticas públicas para o acolhimento social das pessoas entrevistadas e, por consequência, de toda a comunidade onde vivem. Sugere-se que novos pesquisadores, com novos olhares, possam estudar este tema em diversas regiões brasileiras, a fim de descobrir novas possibilidades para o desenvolvimento das sociedades.

REFERÊNCIAS

COSTA, Bianca Aparecida Lima et al. As cooperativas de agricultura familiar e o mercado de compras governamentais em Minas Gerais. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 53, n. 1, p. 109-126, 2015.

DOS SANTOS, C.S.; JOHN, N.S.; O desenvolvimento rural e a agroecologia: uma alternativa para sustentabilidade ambiental/Rural development and agroecology: an alternative for environmental sustainability. *Brazilian Journal of Development*, v. 4, n. 6, p. 3053-3063, 2018.

DINIZ, João. O que fazer para diminuir o êxodo rural. Areia-PB, 02 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.emater.ro.gov.br/siteemater/arquivos/publicacoes/13042011110759.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2020.

MALASSIS, Louis. *Educação e Desenvolvimento Rural: vida rural e mudança social*. Ed. Nacional, São Paulo, 1973. 292p. p.99-115.

RAMALHO, Hilton Martins de Brito; SILVEIRA NETO, Raul da Mota. Capital humano e retorno à migração: o caso da migração rural-urbana no nordeste do Brasil. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 38, n. 3, p.343-364, jul.-set. 2007.